

Leonardo Boff
Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra
Petrópolis, Ed. Vozes, 1999

Excertos adaptados

Introdução

O tamagochi e o cuidado

A sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está cada vez mais a criar, contraditoriamente, incomunicação e solidão entre as pessoas. A Internet pode conectar-nos com milhões de pessoas sem precisarmos de encontrar alguém. Pode-se comprar, pagar as contas, trabalhar, pedir comida, assistir a um filme, sem se falar com ninguém. Para viajar, conhecer países, visitar pinacotecas, não precisamos de sair de casa. Tudo vem a nossa casa via *on line*.

A relação com a realidade concreta, com os seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições, é mediada pela imagem virtual, que é somente imagem. O pé já não sente o macio da relva verde. A mão já não pega num punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tacto e do contacto humano.

Essa anti-realidade afecta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a com-paixão. Os mitos antigos e os pensadores contemporâneos mais profundos ensinam-nos que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado encontra-se o *ethos*¹ fundamental do humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um *bem-viver* e das acções um *recto agir*.

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana. Porventura, não ignorou ela as pessoas concretas com as feições dos seus rostos, com o desenho das suas mãos, com a irradiação da sua presença, com as suas biografias marcadas por buscas, lutas, perplexidades, fracassos e conquistas? Não colocou sob suspeita e até difamou

¹ Em grego significa a toca do animal ou a casa humana; o conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano, para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável; o *ethos* constrói pessoal e socialmente o habitat humano. Por moral, entendemos as formas concretas pelas quais o *ethos* se historiza; as morais são diferentes por causa das culturas e dos tempos históricos diferentes. Mas todas as normas morais remetem para o *ethos* do humano fundamental, que é um só.

como obstáculo ao conhecimento objectivo, o cuidado, a sensibilidade e o enternecimento, realidades tão necessárias, sem as quais ninguém vive e sobrevive com sentido? Na medida em que avança tecnologicamente na produção e serviço de bens materiais, será que não produz mais empobrecidos e excluídos, quase dois terços da humanidade, condenados a morrer antes do tempo?

A nossa meditação procura denunciar semelhante desvio. Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana, que passam todos pelo cuidado.

Alimentamos a profunda convicção de que o cuidado, pelo facto de ser essencial, não pode ser suprimido nem ignorado. Ele vinga-se e irrompe sempre por algumas brechas da vida. Se assim não fosse, repetimos, não seria essencial. Onde é que o cuidado aparece na nossa sociedade? Em algo de muito vulgar, de quase ridículo, mas extremamente indicativo: no *tamagochi*.

O que é o *tamagochi*? É uma invenção japonesa dos inícios de 1997. Um porta-chaves electrónico, com três botões abaixo do écran de cristal, que alberga dentro de si um bichinho de estimação virtual. O bichinho tem fome, come, dorme, cresce, brinca, chora, fica doente e pode morrer. Tudo depende do cuidado que recebe ou não do seu dono ou dona. O *tamagochi* dá muito trabalho. Como uma criança, a todo momento deve ser objecto de cuidado; caso contrário, reclama com o seu *bip*; se não for atendido, corre risco. E quem é tão sem coração a ponto de deixar um bichinho de estimação morrer? O brinquedo transformou-se numa mania e tem mudado a rotina de muitas crianças, jovens e adultos, que se empenham em cuidar do *tamagochi*, dar-lhe de comer, deixá-lo descansar e fazê-lo dormir. O cuidado faz até o milagre de o ressuscitar, caso tenha morrido por falta de atenção e de cuidado.

Bem disse um perspicaz cronista carioca: “Solidão, o teu cognome é *tamagochi*”. O cuidado pelo bichinho de estimação virtual denuncia a solidão em que vive o homem/a mulher da sociedade da comunicação nascente. Mas anuncia também que, apesar da desumanização de grande parte da nossa cultura, a essência humana não se perdeu. Ela está aí na forma do cuidado, transferido para um aparelho electrónico, em vez de ser investido nas pessoas concretas à nossa volta: na avó doente, num colega de escola deficiente físico, num menino ou menina da rua, no velhinho que vende o pão matinal, nos pobres e marginalizados das nossas cidades ou até mesmo num bichinho vivo de estimação, seja um hamster, um papagaio, um gato ou um cão.

O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade. É o que vamos propor no presente livro.

Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos precisar mais de aparelhos electrónicos com seres virtuais para superar a nossa solidão e realizar a nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes

se construirão em redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os culturalmente diferentes, com os penalizados pela natureza ou pela história. Cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos com o cuidado assumido como o *ethos* fundamental humano e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação.

Este livro é escrito a partir de uma perspectiva de urgência. Por toda a parte surgem sintomas que sinalizam grandes devastações no planeta Terra e na humanidade. O projecto de crescimento material ilimitado, mundialmente integrado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua os recursos da Terra e compromete o futuro das gerações vindouras. Encontramo-nos no limiar de bifurcações fenomenais. Qual é o limite de suportabilidade do super-organismo Terra? Estamos a rumar na direcção de uma civilização do caos?

Na sua biografia, a Terra conheceu cataclismos inimagináveis mas sempre sobreviveu. Sempre salvaguardou o princípio da vida e da sua diversidade. Supomos que agora não será diferente. Há hipóteses de salvação. Mas, para isso, devemos percorrer um longo caminho de conversão dos nossos hábitos quotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais. A degradação crescente da nossa casa comum, a Terra, denuncia a nossa crise de adolescência. Importa que entremos na idade madura e mostremos sinais de sabedoria. Sem isso, não garantiremos um futuro promissor.

Formalizando a questão, podemos dizer: mais do que o fim do mundo, estamos a assistir ao fim de um *tipo* de mundo. Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada. Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos, no sentido do respeito e da preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta mutação, faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança.

A falta de cuidado: estigma do nosso tempo

Sintomas da crise civilizacional

O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenómeno do descuido, da falta de atenção e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado.

– Há um descuido e uma falta de atenção pela vida inocente de crianças, usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial da Infância de 1998 são aterradores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América Latina, 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, 1 em cada 3. E na Ásia, 1 em cada 2. São pequenos escravos a quem se nega a infância, a inocência e

o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América Latina e da Ásia.

– Há um descuido e uma ignorância manifestos em relação ao destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crónica, mal sobrevivendo à atribuição de mil doenças, outrora erradicadas e surgindo actualmente com redobrada virulência.

– Há um descuido e um descaso imensos quanto à sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões e milhões de excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros económicos. Esses nem sequer ingressam no exército de reserva do capital. Perderam o privilégio de serem explorados a preço de um salário mínimo e de alguma segurança social.

– Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo, com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que tal comporta. Menospreza-se a tradição da solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos.

– Há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espectáculo, do simulacro e do entretenimento.

– Há um descuido e uma falta de atenção pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres; os investimentos sociais em segurança alimentar, saúde, educação e habitação são, em geral, insuficientes. Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública, marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos que chafurdam no pantanal de interesses corporativos.

– Há um abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e da sua fragilidade. A continuar este processo, até meados do século XXI terão desaparecido definitivamente mais de metade das espécies animais e vegetais actualmente existentes. É o que nos informa o conceituado e recente relatório sobre o estado da Terra (*The State of Environment Atlas*) dos Estados Unidos. Com eles desaparece uma biblioteca de conhecimentos acumulados pelo universo no decurso de 15 biliões de anos de penoso trabalho evolutivo.

– Há um descuido e uma falta de atenção na salvaguarda da nossa casa comum, o planeta Terra. Os solos são envenenados, os ares são contaminados, as águas são poluídas, as florestas são dizimadas, as espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade. Um princípio de autodestruição está em acção, capaz de liquidar o subtil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e de devastar a biosfera.

– Há descuido e falta de atenção generalizada na forma como se organiza a habitação, pensada para famílias minúsculas, obrigadas a viver em habitações insalubres. Milhões e milhões são condenados a viver em bairros de lata e bairros sociais sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de aluimentos de terra, que fazem em cada ano milhares de vítimas. As formas de vestir de estratos importantes da juventude revelam decadência dos gostos e dos costumes. Recorre-se frequentemente à violência para resolver conflitos interpessoais e institucionais, normalmente superáveis mediante o diálogo e a mútua compreensão. Atulhados de aparatos tecnológicos, vivemos tempos de impiedade e de insensatez. Sob certos aspectos, regredimos à barbárie mais atroz.

Remédios insuficientes

Face a esta situação de falta de cuidado, muitos revoltam-se. Fazem da sua prática e da sua fala uma permanente contestação. Mas, sozinhos, sentem-se impotentes para apresentar uma saída libertadora. Perderam a esperança. Outros perderam a própria fé na capacidade de regeneração do ser humano e de projecção de um futuro melhor. Vêem no ser humano mais a dimensão da demência do que a da sapiência. Resignaram-se na amargura. Depois da vida há coisa pior do que perder o brilho da vida?

Outros têm fé e esperança. Mas propõem remédios inadequados aos sintomas de uma doença colectiva. Não vão à causa real das mazelas. Tratam apenas dos sinais.

Assim, por exemplo, muitos consideram que o mal-estar generalizado resulta do abandono da *religião*. Esquecendo-se Deus, afirmam, tudo é possível. Com efeito, o ser humano da modernidade entrou num aceleradíssimo processo de secularização. Não precisa de Deus para legitimar e justificar os pactos sociais. A religião persiste, mas não consegue ser fonte de sentido transcendente para o conjunto da sociedade.

O ser humano moderno criou um “complexo de Deus”. Comportou-se como se fosse Deus. Através do projecto da tecnociência, pensou que tudo podia, que não haveria limites à sua pretensão de tudo conhecer, de tudo dominar e de tudo projectar. Entretanto, cabe perguntar: a religião por si só consegue corrigir esse desvio? Basta para tornar as pessoas mais piedosas? Ela pode seguramente revitalizar uma dimensão da existência, o espaço institucional do sagrado e reforçar o seu poder histórico-social. Mas não gera necessariamente um modo de ser mais solidário e compassivo. Nem, *ipso facto*, origina uma espiritualidade capaz de tudo religar e de tudo fundar na Fonte originária.

O decisivo não são as religiões, mas a espiritualidade subjacente a elas. É a espiritualidade que une, liga e re-liga e integra. Ela (e não a religião) ajuda a compor as alternativas de um novo paradigma

civilizacional. Em vez do “complexo de Deus” devemos propor “o nascimento de Deus” dentro de cada pessoa e da história da humanidade, e a sua epifania no universo.

Outros grupos opinam: para resolver a crise actual, deve-se reforçar a *moral* e a contenção dos costumes. Em nome dessa proposta, mobilizam-se milhões de pessoas em defesa da vida inocente contra o aborto, pela paz contra a guerra, por uma nova tecnologia mais benevolente para com o meio ambiente. A moral é importante. Mas se não nascer de uma nova definição do ser humano e da sua missão no universo, no contexto de uma nova aliança de paz e de sinergia² para com a Terra e com os povos que nela habitam, ela pode decair num moralismo enfadonho e farisaico, e transformar-se num pesadelo das consciências. Uma ética nova pressupõe uma óptica nova. Cumpre investir nessa nova óptica, como tentaremos fazer ao longo das nossas reflexões.

Insuficiências do realismo materialista

Analisando com mais profundidade, descobrimos por detrás do edifício da modernidade científico-técnica o funcionamento de uma determinada filosofia: o *realismo materialista*.

Chama-se *realismo* a esta filosofia porque imagina que as realidades existem como objectos, independentes do sujeito que as observa. Elas, na verdade, não são independentes. Não há objecto sem sujeito e sujeito sem objecto. Há a unidade sagrada da realidade que, como num jogo, sempre inclui a todos como participantes e jamais como meros espectadores. Este realismo é pouco realista porque reduz o âmbito da realidade, quando não inclui nela o fenómeno da subjectividade, da consciência, da vida e da espiritualidade.

Esta filosofia diz-se *materialista*, no sentido antigo, porque pressupõe que a matéria (átomos, partículas elementares, vácuo quântico, etc.) constitui a única realidade consistente; os demais fenómenos são derivações secundárias dela. Não assimilou ainda o facto de que a matéria não é simplesmente “material” mas energia estabilizada, cheia de interacções complexas. A matéria, como a filologia da palavra sugere, é mãe de todas as coisas, até da vida, que é a auto-organização da matéria. Ainda não se criou a consciência de que o visível é parte do invisível.

Hoje os sinos dobram sobre o realismo materialista. A física quântica demonstrou a profunda interconexão de tudo com tudo e a ligação indestrutível entre realidade e observador; não há realidade em si, desconectada da mente que a pensa; ambas são dimensões de uma mesma realidade complexa. O universo é consciente. A moderna cosmologia demonstrou que este universo é matematicamente inconsistente sem a existência de um Espírito Sagrado e uma Mente infinitamente ordenadora.

² Interação de todas as energias em presença, com vista à manutenção de cada ecossistema e dos indivíduos que a ele pertencem.

A nova filosofia apresenta-se holística, ecológica e espiritual. Ela funda uma alternativa ao realismo materialista, com capacidade de devolver ao ser humano o sentimento de pertença à família humana, à Terra, ao universo e ao propósito divino. Assim se supera o dado mais grave que se esconde por detrás da falta de cuidado: a perda da conexão com o Todo; o vazio da consciência que não mais se percebe parte e parcela do universo; a dissolução do sentimento do Sagrado face ao cosmos e a cada um dos seres; e a ausência da percepção da unidade de todas as coisas, ancoradas no mistério do Supremo Criador e Provedor de tudo.

Devemos reflectir com atenção sobre o conjunto destas questões até construirmos um novo estado de consciência. É a pré-condição para gestarmos uma atitude de maturidade e de sabedoria que nos ajudará a buscar outros caminhos, diferentes dos já trilhados até agora. Após séculos de cultura material, buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do mistério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções.

Importa construir um novo *ethos* que permita uma nova convivência dos seres humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres.

Cuidado: o *ethos* do humano

Ethos, no seu sentido originário grego, significa a toca do animal ou casa humana, quer dizer, aquela porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar e fazer dela o nosso habitat. Temos que reconstruir a casa humana comum – a Terra – para que nela todos possam caber. Urge modelá-la de tal forma que tenha sustentabilidade para alimentar um novo sonho civilizacional. A casa humana, hoje, não é mais o estado-nação, mas a Terra como pátria/mátria comum da humanidade.

O que se opõe ao descuido e à falta de atenção é o cuidado. Cuidar é mais do que um *acto*; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais do que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afectivo com o outro.

A *atitude* é uma fonte, gera muitos actos que expressam a atitude de fundo. Quando dizemos, por exemplo: “Nós cuidamos da nossa casa”, subentendemos múltiplos actos como: preocupamo-nos com as pessoas que nela habitam, dando-lhes atenção, garantindo-lhes os alimentos e interessando-nos pelo seu bem-estar. Cuidamos da atmosfera boa que deve inundar cada divisão, o quarto, a sala e a cozinha. Zelamos

pelas relações de amizade com os vizinhos e de calor com os hóspedes. Desvelamo-nos para que a casa seja um lugar de benquerença, deixando saudades quando partirmos e despertando alegria quando voltarmos. Alimentamos uma atitude geral de diligência pelo estado físico da casa, pelo terreno e pelo jardim. Ocupamo--nos do gato e do cão, dos peixes e dos pássaros que povoam as nossas árvores. Tudo isso pertence à atitude do cuidado material, pessoal, social, ecológico e espiritual da casa.

A humanidade abriu muitos caminhos na decifração da essência do ser humano. Serviu-se das artes, da pintura nas cavernas rupestres, dos desenhos em vasos de barro. Expressou-se através dos grandes monumentos, das miniaturas de marfim e de uma gama imensa de músicas folclóricas. Utilizou a palavra através de mitos, fábulas, poemas e narrativas. Usou do pensamento através da filosofia e das cosmovisões. As religiões, através dos mitos da criação, do fim do mundo e da plasmação do ser humano, ofereceram as decifrações mais ousadas da natureza humana. Hoje em dia, prefere-se o cinema, o universo virtual da comunicação e principalmente as ciências empíricas, hermenêuticas e holísticas. Todas elas, implicitamente, encerram uma antropologia, quer dizer, uma determinada compreensão do ser humano, homem e mulher.

Os mitos: um conhecimento ancestral da essência humana

Todas estas achegas são de imenso valor. Na medida do possível, iremos incorporar estas várias contribuições no nosso trabalho. Contudo, pela nossa parte, vamos privilegiar um outro caminho, o dos mitos. Consideramos que as mitologias, mais do que as ciências e as filosofias, encerram, junto com as religiões, os grandes esclarecimentos sobre a essência humana. As culturas projectaram nelas, geração após geração, grandes visões, acumularam reflexões, fizeram aprofundamentos e passaram-nos aos seus vindouros. Souberam usar uma linguagem plástica, com imagens tiradas das profundezas do inconsciente colectivo, acessível a todas as idades e a todos os tempos. Além das visões e dos símbolos, suscitaram e continuam a suscitar grandes emoções. E são estas que ficam e mobilizam as pessoas e os povos na História.

Não é certo que nós, modernos, com a nossa inteligência instrumental, com toda a nossa tradição de pesquisa empírica, de crítica e de acumulação de saberes sobre praticamente tudo, conheçamos mais o ser humano do que os antigos formuladores de mitos. Estes revelaram--se observadores meticolosos e sábios exímios em relação a cada situação e a cada dobra da existência. Convém revisitá-los, valorizar as suas contribuições e escutar as suas lições, sempre actuais.

Vamos, pois, perseguir o caminho dos mitos. Entretanto, deve-se entender correctamente os mitos. Eles não são coisas do passado arcaico, produtos aleatórios do pensamento primitivo ou da fantasia incontrolada. São actuais, porquanto nós, modernos, também criamos mitos. Os mitos são linguagens para traduzir fenómenos profundos, indescritíveis através da razão analítica. Como falar do enamoramento, do amor, do cuidado essencial, da traição da pessoa amada, das crises da vida, das doenças incuráveis, do

nascimento e da morte, senão com emoção, contando histórias exemplares? Os conceitos abstractos e frios não conseguem traduzir as cores da realidade. Não geram figurações na imaginação. Por isso, de certa forma, falseiam a nossa experiência dos fenómenos vividos.

Como bem se disse, a linguagem consagrada da psicologia científica vigente representa, em boa parte, um insulto à alma, porque, na elaboração dos seus instrumentos de análise, deixa de fora as energias poderosas, verdadeiros deuses e deusas que habitam a profundidade humana, as imagens e os símbolos. Preferem os conceitos abstractos, extraídos de um paradigma que privilegiava a física e a mecânica. Devemos, pois, saber combinar a inteligência instrumental-analítica, donde nos vem o rigor científico, com a inteligência emocional-cordial, donde derivam as imagens e os mitos.

As deusas e os deuses mitológicos não devem ser considerados como existentes em si mesmos, seres substanciais e independentes da nossa existência. Configuram arquétipos³ do inconsciente colectivo, quer dizer, centros de grande energia e significação, que somente através da linguagem dos heróis e das heroínas, dos deuses e das deusas, podem ser expressos adequadamente. São figuras carregadas de emoção, tornadas referências paradigmáticas e inspirações mobilizadoras para os comportamentos humanos.

O politeísmo não representa um estágio inferior da evolução religiosa rumo ao monoteísmo. Bem compreendido, não quer tanto afirmar a multiplicidade de divindades, mas as mil faces da mesma e única Divindade, do único Mistério de comunhão, vinculado à dinâmica aberta do mundo e do espírito. O monoteísmo, por sua vez, caminha *pari passu* com o surgimento de visões imperiais unitaristas que empobrecem a polivalência do sagrado.

Entendidas como forças espirituais poderosas, as múltiplas divindades representam os muitos centros energéticos e as diferentes fontes de sentido que estruturam a interioridade humana. Esta interioridade é habitada pela Divindade. Por isso, somos seres espirituais, além de corporais e psíquicos. Espiritual e psiquicamente, não somos monoteístas, mas plurais. Temos muitos centros vitais e não apenas um. Nem somos dominados por um deles, seja a razão, seja o poder, seja o desejo, seja o coração. Mas somos perpassados e circundados por muitos; eles fazem a vida humana dinâmica e também dramática. Todos, pois, se encontram articulados na existência singular de cada pessoa. Através de cada uma dessas energias, temos acesso à Energia suprema que habita no universo e no coração humano.

Vamos analisar uma fábula-mito que nos fala da essência humana, de uma forma que atende aos apelos mais urgentes do nosso tempo. É a fábula-mito do cuidado. É no cuidado que vamos encontrar o *ethos*

³ São padrões de comportamento existentes no inconsciente colectivo da humanidade, representando as experiências básicas feitas no afã de orientar a sua vida. Eles emergem na consciência sob a forma de grandes símbolos, sonhos, utopias e figuras exemplares.

necessário para a socialidade humana, e principalmente para identificar a essência fontal do ser humano, homem e mulher.

A fábula-mito do cuidado

A fábula-mito sobre o cuidado essencial é de origem latina com base grega. Adquiriu a sua expressão literária definitiva pouco antes de Cristo, em Roma*.

Eis a versão livre em português:

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Teve logo uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que tinha feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nesse barro. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que tinha moldado, Júpiter proibiu-o. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis, também ela, conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

Tu, Júpiter, deste-lhe o espírito; receberás, pois, de volta este espírito por ocasião da morte desta criatura.

Tu, Terra, deste-lhe o corpo; receberás, portanto, também de volta o seu corpo quando esta criatura morrer.

Mas como tu, Cuidado, foste quem primeiro moldou a criatura, ela ficará sob os teus cuidados enquanto viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de húmus, que significa “terra fértil”.

É a partir do texto desta fábula-mito que vamos construir as nossas reflexões sobre o cuidado. Ele será visto como a verdadeira essência do ser humano.

* Tal fábula faz parte de uma compilação de cerca de trezentas lendas, histórias e mitos da tradição latina e grega, publicada sob o título de *Fábulas* ou *Genealogias*, atribuída a Caio Júlio Higínio, que, no ano 47 a. C., Octávio Augusto, imperador romano, nomeia director da Biblioteca Palatina.

A explicação da fábula-mito do cuidado

Explicuemos agora os figurantes desta bela fábula-mito. Tal diligência fornecer-nos-á elementos básicos para iluminar a essência humana e fundamentar o *ethos* para um novo tempo.

O que é uma fábula? O que é um mito?

Antes de mais nada, deixemos claro o que entendemos por fábula e por mito.

Fábula é uma narrativa imaginária cujas personagens são, via de regra, animais, plantas ou a personificação de qualidades, virtudes e vícios, com o objectivo de transmitir lições morais ou tornar concreta uma verdade abstracta. Conhecidas são as fábulas de La Fontaine (1621-1695) como, por exemplo, a da Raposa e das Uvas.

No nosso caso, Higinio personificou a dimensão “cuidado”. “Cuidado” passeia pela praia, observa o pedaço de barro, põe-se a imaginar e acaba por moldar um boneco de argila. Discute com Júpiter e com a Terra. Acata a sentença de Saturno. Esta fábula de Higinio é urdida com figuras mitológicas greco-latinas de grande significação simbólica, como Júpiter, Terra e Saturno. Por esse motivo, chamamos-lhe uma fábula-mito. O que é, então, um mito?

Mito é algo de muito complexo pelas ambiguidades que encerra. Na linguagem comum da comunicação de massas, mito pode veicular uma visão reducionista, ocultadora e interesseira da realidade. Equivale, então, à ideologia. Mito designa, portanto, clichés ou crenças colectivas acerca de temas relevantes (pessoas, situações, acontecimentos) que circulam na cultura. Assim se fala do “mito do bom selvagem”, do “mito do sexo frágil” ou do “mito do negro preguiçoso”.

Com estas expressões quer-se transmitir a crença de que o indígena é um selvagem sempre bom como ser natural e não contaminado pela cultura; isto representa um cliché reducionista, porque o indígena tem cultura, intervém, a seu modo, na natureza e, como outros seres sociais, tem a sua dimensão simbólica e diabólica.

A cultura patriarcal qualificou de fraca a mulher e forjou o mito do sexo frágil, o que não é verdade. A mulher tem a sua forma de ser forte. Neste caso o que conta não é tanto a força muscular. No trato com os filhos, desde a sua gestação, nas crises de passagem e no seu acompanhamento ao longo da vida, especialmente na condução da complexidade de uma casa e na capacidade de suportar sofrimentos e suplantar obstáculos, ela mostra uma força e uma pertinácia que deixa o homem bem para trás. Em muitos aspectos, a mulher é o sexo forte e o homem o sexo fraco.

A acusação de que o negro é preguiçoso, além de ser inverdade, é calúnia. Quase tudo o que se construiu nos países escravagistas como o Brasil, a Colômbia, o Caribe e o Sul dos Estados Unidos veio da mão-de-obra negra escrava. Os negros mostraram grande diligência, apesar de serem tratados como “peças”, carvão a ser consumido na máquina da produção. Ademais, foi o grupo que possivelmente mais impregnou de valores a cultura brasileira e norte-americana com elementos que vão da culinária, da música, da linguagem, até à doçura nas relações e ao misticismo. Embora escravos, eles foram agentes civilizadores.

Mito, para outros, equivale à mera fantasia ou a uma interpretação distorcida da realidade. Mito opor-se-ia, então, a realidade. Assim, por exemplo, os propalados efeitos positivos dos adoçantes artificiais sobre o organismo são, para os nutricionistas sérios, um mito e não uma realidade. Se, por um lado, não possuem calorias, por outro aceleram o processo de desgaste dos neurónios, abrindo caminho para a aceleração da esclerose. Assim se diz também que alguém é acometido de mitomania, quer dizer, tem a mania de inventar “mitos”, acontecimentos fictícios, ou a mania de projectar interpretações mirabolantes da realidade.

Não assumimos estas acepções, pois elas não nos ajudam a entender o fenómeno que queremos analisar. Por isso, as ciências modernas criticam tais acepções; conferem ao mito um significado altamente positivo, especialmente na filosofia, na antropologia, na psicologia das profundezas e na teologia contemporânea.

A escola psicanalítica junguiana afirma, por exemplo, que uma certa pessoa se tornou mito quando viveu uma biografia (um relato existencial ou saga) com tal densidade que muitos se reencontram a si mesmos nela ou por ela vêem realizados ideais e sonhos ancestrais. Da mesma forma, fala-se do mito futebolístico de Pelé, do mito cinematográfico de Charles Chaplin, do mito mediático da princesa Diana, do mito ético-político de Mahatma Gandhi e do mito profético-religioso de D. Hélder da Câmara ou de Luther King Jr. Tais pessoas transformam-se em símbolos poderosos, quer dizer, em mitos capazes de cristalizar energias colectivas, falar ao profundo das pessoas e mobilizar multidões.

Mais ainda: a antropologia e a filosofia das formas simbólicas convenceram-nos de que o mito constitui uma forma autónoma de pensamento, diferente da razão. É tão legítima como qualquer outra. Constitui uma expressão da inteligência emocional, distinta da inteligência funcional. Esta informa sobre objectos; é utilitária, calculadora e instrumental; é a arma da ciência e da técnica, imprescindível ao funcionamento da vida no seu dia-a-dia. Aquela, a inteligência emocional, utiliza imagens, símbolos, parábolas, contos e mitos para evocar sentimentos profundos, expressar o que dá sentido e valor ao ser humano. Ela toca o coração e provoca emoções. Os poetas, os mestres religiosos e espirituais como Jesus, Isaías, Maomé, Buda, o místico sufi Rumi, o papa João XXIII, o Dalai Lama e outros utilizam a inteligência emocional.

Normalmente, o mito comunica-se mediante narrativas que utilizam símbolos e representações poderosas, como deuses e deusas, confrontos entre o céu e a terra, para expressarem situações ou histórias verdadeiras, carregadas de dramaticidade e significação, vividas, desde sempre, pela humanidade. Ou procuram explicar o surgimento de realidades que, para certas comunidades, têm especial significação e valor, como o nome de um lugar, a importância de um certo animal, de uma montanha ou de certo comportamento exemplar, para o bem ou para o mal. O mito configura sempre representações da consciência colectiva, ditas e reditas em cada geração.

Bem dizia Joseph Campbell, mestre contemporâneo da compreensão dos mitos: “Os sonhos são mitos privados; os mitos são sonhos partilhados.” Não sem razão, o fundador da psicologia das profundezas, Carl Gustav Jung (1875-1961), entendia os mitos como uma consciencialização de arquétipos do inconsciente colectivo. Ou seja: os mitos representam a emergência de imagens das grandes experiências, de sonhos e temores (arquétipos) que a humanidade elaborou historicamente no seu longo processo de individuação. Eles emergem na consciência das pessoas e das colectividades. Conhecem metamorfoses que desdobram virtualidades escondidas, garantindo-lhes actualidade histórica. Eles ajudam a entender a universalidade de certas experiências e apontam para as várias travessias que caracterizam a aventura humana.

Conhecido é o mito grego de Eros, deus do amor. Notoriamente, o amor é a força mais primordial do universo. Segundo o mito, o amor é anterior ao Céu e à Terra. Na sua versão mais antiga, Eros nasceu do Caos e da Noite. Portanto, de uma realidade anterior e mais originária. A Noite pôs um ovo fecundado. Dele nasceu Eros, o amor. Das duas metades da casca, nasceram o Céu (Urano) e a Terra (Geia). Por força de Eros, o Céu e a Terra apaixonaram-se, uniram-se e geraram as diversas coisas existentes no mundo. Essas coisas, por sua vez, também se atraem e se amam. Buscam unir-se pelo amor. Eros, pois, é responsável pela diversidade (Céu e Terra e todas as coisas) e, ao mesmo tempo, pela unidade de todas as coisas (atração que tudo, pessoas e coisas, sentem umas pelas outras).

Belíssimo é também o mito tupi da mandioca, alimento básico de várias culturas indígenas. Conta-se que, um dia, certo cacique teve uma linda netinha. A sua pele era branca como a nuvem mais branca. Chamava-se Mandi. Todos ficaram intrigados e amedrontados quando viram a cor da pele de Mandi. Na tribo, os olhares cruzavam-se comparando o castanho--dourado das suas peles com a alvura da linda menina. E acreditaram que o facto significava um triste presságio. Pediram, então, ao cacique, sem meias-palavras, que fizesse desaparecer a sua netinha. Ele, no entanto, cheio de amor e compaixão, foi protelando tal crueldade dia após dia. Até que, no silêncio de uma certa noite, ainda de madrugada, foi ao rio, levando a netinha. Lavou-a cuidadosamente. No dia que se seguiu, reuniu a tribo e disse com voz forte para não tolerar objecções: os espíritos recomendaram que Mandi fique entre nós e que seja bem tratada por todos da tribo. Os índios, ainda em dúvida, obedeceram e acabaram por se resignar. Com o passar do tempo, Mandi foi

crescendo com tanta graça que todos esqueceram o mau presságio e acabaram por ser cativados por ela. O cacique estava orgulhoso e feliz. Mas um dia, inesperadamente, Mandi morreu. Os pais, sabendo o quanto o avô-cacique a amava, enterraram-na na sua maloca. Mas ele, inconsolável, fechou-se na sua dor e nada fazia senão chorar. Chorava dia e noite sobre a tumba da sua querida Mandi. Tantas e tantas foram as lágrimas, que do chão brotou uma plantinha. Os pássaros vinham picá-la e ficavam inebriados. Conta o mito que, um dia, a Terra se abriu para deixar à mostra as belas raízes da planta, nascida do pranto do avô. Os índios, respeitosos, colheram-nas e logo viram que eram branquíssimas como a pele de Mandi. E, ao comê-las, perceberam que eram deliciosas. E assim foi que aquelas raízes se tornaram o principal alimento dos índios tupi. Chamaram então às raízes Mandioca, que significa “o corpo de Mandi”.

Como se depreende destes dois exemplos, o mito quer expressar valores de grande irradiação, que não podem ser adequadamente expressos por conceitos. Criam-se, então, histórias. Histórias são narrativas carregadas de emoção, de símbolos e representações, para dar razões ao mistério do amor e à importância da mandioca na dieta dos povos da floresta. Eis a riqueza do mito. Cada um se encontra a si mesmo nos grandes mitos ou encontra razões para realidades tão fundamentais como o amor e a comida.

Algo parecido ocorre com o cuidado. O cuidado é tão importante para a vida humana e para a preservação de todo o tipo de vida, que deu origem a uma fábula-mito. Foi personalizado, tornou-se um ser concreto. Como tal, Cuidado molda a argila. Conversa com o Céu (Júpiter) e a Terra (Tellus). Convoca a autoridade suprema do deus do Céu e da Terra que fundou a idade de ouro e a utopia absoluta do ser humano (Saturno). A fábula-mito do cuidado elaborada por Higino quer explicar o sentido do cuidado em relação à vida humana. No seu surgimento, actuaram as forças universais mais importantes: o Céu (Júpiter), a Terra (Tellus), a história e a utopia (Saturno).

Concretizações do cuidado

Depois de termos delineado o perfil do modo-de-ser-cuidado, importa mostrar como ele se concretiza em diferentes instâncias. Começaremos pelas mais gerais para chegarmos às mais singulares.

Cuidado com o nosso único planeta

Um cuidado todo especial merece o nosso planeta Terra. Temo-lo unicamente a ele para viver e morar. É um sistema de sistemas e um super-organismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de milhões e milhões de anos. Por causa do assalto predador do processo industrialista dos últimos séculos, este equilíbrio está prestes a romper-se em cadeia. Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu oito vezes, consumindo mais e mais recursos naturais; somente a produção, baseada na exploração da natureza, cresceu mais de cem vezes. O agravamento deste quadro com a

mundialização do acelerado processo produtivo faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro da Terra.

Parca é a consciência colectiva que pesa sobre o nosso belo planeta. Os que poderiam consciencializar a humanidade desfrutam levianamente da viagem no seu Titanic de ilusões. Mal sabem que podemos ir ao encontro de um *iceberg* ecológico que nos fará afundar celeremente. Trágico é o facto de que faltam instâncias de gestão global dos problemas da Terra. A ONU possui cerca de quarenta projectos que tratam de problemas globais, como os climas, o desflorestamento, a contaminação do ar, dos solos e das águas, a fome, as epidemias, os problemas dos jovens, dos idosos, as migrações, entre outros. Ela é regida pelo velho paradigma das nações imperialistas que vêem os estados-nações e os blocos de poder, mas não descobriram ainda a Terra como objecto de cuidado, de uma política colectiva de salvação terrena.

Para cuidarmos do planeta, precisamos todos de passar por uma alfabetização ecológica e de rever os nossos hábitos de consumo. Importa desenvolver uma **ética do cuidado**.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) elaboraram uma estratégia minuciosa para o futuro da vida, sob o título: Cuidando do planeta Terra (Caring for the Earth 1991). Aí estabelecem nove princípios de sustentabilidade⁴ da Terra. Todos eles projectam uma estratégia global fundada no cuidado:

1. Construir uma sociedade sustentável.
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos.
3. Melhorar a qualidade da vida humana.
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do planeta Terra.
5. Permanecer nos limites da capacidade suportável do planeta Terra.
6. Modificar atitudes e práticas pessoais.
7. Permitir que as comunidades cuidem do seu próprio meio-ambiente.
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação.
9. Constituir uma aliança global.

Estes princípios dão corpo ao cuidado essencial com a Terra. O cuidado essencial é a ética de um planeta sustentável. Como bem enfatizava o citado documento *Cuidando do planeta Terra*: “A ética de cuidado aplica-se tanto a nível internacional como a nível nacional e individual; nenhuma nação é auto-suficiente; todos lucrarão com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não

⁴ Diz-se que uma sociedade ou um processo de desenvolvimento possui sustentabilidade quando por ele se consegue a satisfação das necessidades, sem comprometer o capital natural e sem lesar o direito das gerações futuras de verem atendidas as suas necessidades e de poderem herdar um planeta sadio com os seus ecossistemas preservados.

conseguirmos atingi-la.” Só essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela rasgará um horizonte de futuro e de esperança.

Cuidado com a sociedade sustentável

Actualmente, quase todas as sociedades estão enfermas. Produzem má qualidade de vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza. E não poderia ser diferente, pois estão assentes sobre o modo de ser do trabalho entendido como dominação e exploração da natureza e da força do trabalhador. À excepção de sociedades originárias como as dos indígenas e de outras minorias no sudeste da Ásia, da Oceania e do Ártico, todas são reféns de um tipo de desenvolvimento que apenas atende às necessidades de uma parte da humanidade (os países industrializados), deixando os demais na carência, quando não directamente na fome e na miséria. Somos uma espécie que se mostrou capaz de oprimir e massacrar os seus próprios irmãos e irmãs da forma mais cruel e impiedosa. Só neste século morreram em guerras, em massacres e em campos de concentração cerca de duzentos milhões de pessoas. E ainda somos uma espécie que degenera e que destrói a sua base de recursos naturais não renováveis.

Não se trata somente de impor “Limites ao Crescimento” (título da primeira solução apresentada em 1972 pelo Clube de Roma) mas de mudar o tipo de desenvolvimento. Diz-se que o novo desenvolvimento deve ser sustentável. Ora, não existe desenvolvimento mas sim uma sociedade que opta pelo desenvolvimento que quer e de que precisa. Dever-se-ia falar de sociedade sustentável ou de um planeta sustentável como pré-condições indispensáveis para um desenvolvimento verdadeiramente integral.

Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas⁵ onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade geracional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão. Na prática, a sociedade deve mostrar-se capaz de assumir novos hábitos e de projectar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com os equilíbrios ecológicos e funcione dentro dos limites impostos pela natureza. Não significa voltar ao passado, mas oferecer uma nova perspectiva para o futuro comum. Não se trata simplesmente de não consumir, mas de consumir responsabilmente.

O móbil deste tipo de desenvolvimento não está na mercadoria, nem no mercado, nem no estado, nem no sector privado, nem na produção de riqueza. Está sim na pessoa humana, na comunidade e nos demais seres vivos que partilham com ela a aventura terrena. O desenvolvimento vem aqui concebido dentro de outro paradigma, já assimilado por certos sectores da ONU. Numa conhecida *Declaração sobre o Direito dos Povos ao Desenvolvimento*, de 18 de Outubro de 1993, a Comissão dos Direitos Humanos da ONU declarou: “O desenvolvimento é um processo económico, social, cultural e político abrangente, que visa o

constante melhoramento do bem-estar de toda a população e de cada pessoa, na base da sua participação activa, livre e significativa e na justa distribuição dos benefícios dele resultantes.” Nós acrescentaríamos ainda, no sentido da integralidade, a dimensão psicológica e espiritual do ser humano.

Dito em termos simples, o desenvolvimento social visa melhorar a qualidade da vida humana enquanto humana. Isto implica valores universais como vida saudável e longa, educação, participação política, democracia social e participativa e não apenas representativa, garantia de respeito pelos direitos humanos e de protecção contra a violência, condições para uma adequada expressão simbólica e espiritual. Tais valores só se alcançam se há um cuidado na construção colectiva do social, se há convivialidade entre as diferenças, cordialidade nas relações sociais, compaixão por todos aqueles que sofrem ou se sentem à margem, criando estratégias de compensação e de integração. Cuidado especial merecem os doentes, os idosos, os portadores de algum estigma social, os marginalizados e excluídos. Por eles se mede o quanto de sustentabilidade e de cuidado essencial realizou e realiza uma sociedade. Além disso, é importante cultivar compreensão, paciência histórica, capacidade de diálogo e sentido de integração criativa no que se refere ao lado diabólico e demente da história humana. Tais valores incluem-se no cuidado essencial.

Cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos

Um dos maiores desafios lançados à política orientada pela ética e ao modo-de-ser--cuidado é indubitavelmente o dos milhões e milhões de pobres, oprimidos e excluídos das nossas sociedades. Esse anti-fenómeno resulta de formas altamente injustas da organização social, hoje mundialmente integrada. Com efeito, graças aos avanços tecnológicos, verificou-se nas últimas décadas um crescimento fantástico na produção de serviços e bens materiais, entretanto desumanamente distribuídos, fazendo com que dois terços da humanidade vivam em grande pobreza. Nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes.

Como tratar esses condenados e ofendidos da Terra? A resposta a esta pergunta divide, de cima a baixo, as políticas públicas, as tradições humanísticas, as religiões e as igrejas cristãs. Cresce cada vez mais a convicção de que as estratégias meramente assistencialistas e paternalistas não resolvem, como nunca resolveram, os problemas dos pobres e dos excluídos. Perpetuam-nos, antes, pois mantêm-nos na condição de dependentes e de esmoleres, humilhando-os pelo não reconhecimento da sua força de transformação da sociedade.

Não tem cuidado com os empobrecidos e excluídos quem não os ama concretamente e não se arrisca por sua causa. A consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa pelo cuidado com os pobres, marginalizados e excluídos. Se os seus

⁵ Conjunto de todos os sistemas, sejam naturais, sejam técnicos, projectados pelo ser humano.

problemas não forem equacionados, permaneceremos ainda na pré-história. Poderemos ter inaugurado o novo milénio, mas não a nova civilização e a era de paz eterna com todos os seres humanos, os seres da criação e o nosso esplêndido planeta.

Cuidado com o nosso corpo na saúde e na doença

É através do corpo que se mostra a fragilidade humana. A vida corporal é mortal. Ela vai perdendo o seu capital energético, os seus equilíbrios, adocece e finalmente morre. A morte não vem no fim da vida. Ela começa no seu primeiro momento. Vamos morrendo, lentamente, até acabarmos de morrer. A aceitação da mortalidade da vida faz-nos entender de forma diferente a saúde e a doença.

Quem é são pode ficar doente. A doença significa um dano à totalidade da existência. Não é o joelho que dói. Sou eu, na minha totalidade existencial, que sofro. Portanto, não é uma parte que está doente, mas é a vida que adocece nas suas várias dimensões: em relação consigo mesmo (experimenta os limites da vida mortal), em relação com a sociedade (isola-se, deixa de trabalhar e tem de se tratar num centro de saúde), em relação com o sentido global da vida (crise na confiança fundamental da vida: pergunta-se porque se ficou doente.)

Para reforçar a dimensão-saúde, devemos enriquecer a nossa compreensão da saúde. Não podemos entendê-la como a ideologia dominante com as suas técnicas sofisticadas e os seus inúmeros complexos de vitaminas. A saúde é concebida como “saúde total”, como se fosse um fim em si mesma, sem responder à questão básica: que faço na vida com a minha saúde? Distanciamos-nos da conhecida definição de saúde da Organização Mundial da Saúde da ONU que reza: “Saúde é um estado de bem-estar total, corporal, espiritual e social e não apenas inexistência de doença e fraqueza”.

Essa compreensão não é realista, pois parte de uma suposição falsa, de que é possível uma existência sem dor e sem morte. É também inumana porque não recolhe a concretidade da vida que é mortal. Não descobre dentro de si a morte e os seus acompanhantes, os achaques, as fraquezas, as enfermidades, a agonia e a despedida final. Acresce ainda que a saúde não é um estado, mas um processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os factores que compõem a vida humana. Todos esses factores estão ao serviço da pessoa, para que ela tenha força de ser uma pessoa autónoma, livre, aberta e criativa face às várias injunções que vier a enfrentar.

A força de ser pessoa significa a capacidade de acolher a vida assim como ela é, nas suas virtualidades e no seu entusiasmo intrínseco, mas também na sua finitude e na sua mortalidade. A força de ser pessoa traduz a capacidade de conviver, de crescer e de humanizar--se com estas dimensões da vida, da doença e da morte.

Saúde e cura designam o processo de adaptação e de integração das mais diversas situações, nas quais ocorrem a saúde, a doença, o sofrimento, a recuperação, o envelhecimento e o caminhar tranquilo para a grande passagem da morte. Saúde, portanto, não é um estado nem um acto existencial, mas uma atitude face às várias situações que podem ser doentias ou sãs. Ser pessoa não é simplesmente ter saúde, mas é saber enfrentar saudavelmente a doença e a saúde. Ser saudável significa realizar um sentido de vida que englobe a saúde, a doença e a morte. Alguém pode estar mortalmente doente e ser saudável porque, com esta situação de morte, cresce, humaniza-se e sabe dar sentido àquilo de que padece.

Como disse um conhecido médico alemão: “Saúde não é a ausência de danos. Saúde é a força de viver com esses danos. Saúde é acolher e amar a vida assim como se apresenta, alegre e trabalhosa, saudável e doentia, limitada e aberta ao ilimitado que virá além da morte.”

Cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus

O ser humano-corpo-alma tem uma singularidade: pode sentir-se parte do universo e com ele conectado; pode entender-se como filho e filha da Terra, um ser de interrogações derradeiras, de responsabilidade pelos seus actos e pelo futuro comum com a Terra. Ele não pode furtar-se a perguntas que lhe surgem ineludivelmente: Quem sou eu? Qual é o meu lugar dentro desta miríade de seres? O que significa estar neste minúsculo planeta Terra? Donde provém o universo inteiro? Quem se esconde por detrás do curso das estrelas? O que podemos esperar além da vida e da morte? Porque choramos a morte dos nossos parentes e amigos e a sentimos como um drama sem retorno?

Ora, levantar semelhantes interrogações é próprio de um ser portador de espírito. Espírito é aquele momento do ser humano corpo-alma em que ele escuta estas interrogações e procura dar-lhes uma resposta. Não importa qual: se através de histórias mitológicas, de desenhos nas paredes de cavernas como em Cromagnon em França e nas grutas de S. Raimundo Nonato no Piauí, Brasil, ou se através de sofisticadas filosofias, ritos religiosos e conhecimentos das ciências empíricas. O ser humano, como um ser falante e interrogante, é um ser espiritual.

Outro dado suscita a dimensão do espírito: a capacidade do ser humano de continuamente criar sentidos e inventar símbolos. Não se contenta com factos. Neles discerne valores e significações. Escuta as coisas que são sempre mais do que coisas, porque se transformam em indicações de mensagens a serem decodificadas. Daremos alguns exemplos.

Diante do rio Amazonas, ficamos totalmente fascinados: fazemos a experiência da majestade. Ao penetrarmos na floresta, contemplamos a sua inigualável biodiversidade e ficamos atarrados diante da

imensidão de árvores, de águas, de animais e de vozes de todos os timbres: fazemos a experiência da grandeza. Diante dessa grandeza, sentimo-nos um bicho frágil e insignificante, irrompendo em nós o temor e o respeito silencioso: fazemos a experiência da limitação e da ameaça.

Quando vivenciamos o fascínio do amor, fazemos a experiência de um absoluto valor, capaz de tudo transfigurar; fazemos da pessoa amada uma divindade, transformamos o brilho do Sol num ouro em cascatas, transformamos a dureza do trabalho numa ocupação prazenteira.

Ao ver a mão suplicante da criança faminta, somos tomados de compaixão e mostramos generosidade. Todas essas experiências são expressões do espírito que somos nós.

Mas há uma experiência testemunhada desde os primórdios da hominização, a do Numinoso e do Divino no universo, na vida e na interioridade humana. Como não reconhecer por detrás das leis da natureza um supremo Legislador? Como não admitir na harmonia dos céus a acção inteligente de uma infinita Sabedoria, e na existência do universo a exigência de um Criador?

O ser humano designa essa suprema Realidade por mil nomes ou simplesmente dá-lhe o nome de Deus. Sente que Ele arde no seu interior, na forma de uma presença que o acompanha e o ajuda a discernir o bem e o mal. O impulso vital leva-o a crescer, a trabalhar, a enfrentar obstáculos, a alcançar os seus propósitos e a viver com esperança. Esse impulso está no ser humano, mas é maior do que ele. Não está em seu poder manipulá-lo, criá-lo ou destruí-lo. Encontra-se à mercê dele. Não é isso um indício da presença de Deus no seu interior?

O ser humano pode cultivar o espaço do Divino, abrir-se ao diálogo com Deus, confiar-lhe o destino da vida e encontrar n'Ele o sentido da morte. Surge então a espiritualidade que dá origem às religiões. Elas expressam o encontro com Deus nos códigos das diferentes culturas. Os sábios de todos os povos sempre pregaram: sem o culto desse espaço espiritual, o ser humano sentir-se-á infeliz e doente e descobrir-se-á um errante sedento em busca de uma fonte que não encontra em lugar nenhum; mas se acolher o espírito e Aquele que o habita, encher-se-á de luz, de serenidade e de uma inconfessável felicidade.

Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além da nossa morte. Cuidar do espírito implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou colectivos. Cuidar do espírito exige que se alimente a chama interior da contemplação e da oração para que nunca se apague. Significa especialmente cuidar da espiritualidade, experimentando Deus em tudo e permitindo o seu permanente nascer e renascer no coração. Então, poderemos preparar-nos, com serenidade e jovialidade, para a derradeira travessia e para o grande encontro.

Patologias do cuidado

Tudo o que é recto pode entortar. Pelo facto de ser simultaneamente *sapiens* (inteligente) e *demens* (demente), o ser humano vive uma ambiguidade estrutural. O seu bem nunca é inteiramente bom. O seu mal jamais totalmente mau. Mesclam-se bem e mal, diabólico e simbólico, insensatez e sabedoria, cuidado essencial e descuido fatal. Essa situação é, na sua totalidade, insuperável. Devemos suportá-la com realismo. Nem chorar sobre ela, nem rir dela. Apenas apreender as lições que revela.

Certamente a primeira lição é esta: devemos exercer a compaixão para connosco mesmos. Por mais que nos corriamos, haverá sempre remanescências distorcidas que importa aceitarmos com certo humor e jovialidade. Há os que são obsessivos pela virtude perfeita. Torturam-se, aterrorizam os demais e estragam continuamente o seu humor, porque se confrontam, a cada momento, com os seus próprios limites e fracassos.

Sábio foi o filósofo Immanuel Kant que, em 1784, no seu livro *Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolítico*, nos deixou a seguinte sentença: “O ser humano é uma madeira tão nodosa que dela não se pode talhar vigas rectas.” Esta é a *condition humaine*! Cabe, portanto, acolher os próprios limites com humildade, sem lamúria. No seu todo, são intransponíveis. Somos seres da incompletude. Não somos Deus. Partindo desta constatação, há também outros que se resignam e deixam de buscar uma melhoria da situação humana. Entregam-se à gravidade que puxa para baixo e à comodidade de quem desce uma ladeira. Esses são geralmente soturnos, pois perderam o entusiasmo e a leveza da vida. Da resignação ao cinismo existe apenas um passo.

Daí podemos tirar uma segunda lição: o facto de carregarmos sempre uma sombra de descuido, não invalida a permanente busca do cuidado essencial. O descuido, inerente à nossa humana condição, mais do que um obstáculo, é um desafio para a vivência do cuidado essencial e das suas formas alternativas e mais aperfeiçoadas. O cuidado não é uma meta a atingir-se somente no final da caminhada. É um princípio que acompanha o ser humano a cada passo, em cada momento, ao longo de toda a vida terrena, como bem o sentenciou Saturno na fábula-mito de Hígino. Portanto, sempre é possível crescer na prática do cuidado em cada circunstância, no tempo e no contratempo. Tal atitude gera uma alegria discreta e confere leveza à gravidade da vida.

A negação do cuidado essencial

Assim como a pior doença é negar a sua existência, de forma semelhante, a pior aberração do cuidado é a sua negação. Como consequência, o ser humano entrega-se totalmente à lógica do modo-de-ser do trabalho depredador, à vontade de poder sem freios, à auto--afirmação com exclusão dos outros e ao mau trato das pessoas, da casa, da coisa pública e de si mesmo. Aqui deparamos com o “encaramujamento” do ser

humano sobre o seu próprio horizonte que, ao negar a essência do seu ser-cuidado, se torna cruel consigo mesmo. O resultado é um processo de desumanização e de embrutecimento das relações. Equivale à categoria teológica do inferno, onde se recusa a relação e se afoga a capacidade de enternecimento e de amor, o que, bíblicamente, se chama também a tribulação da desolação. A partir daí, tudo, efectivamente, é possível, até o impossível.

O cuidado no seu excesso: a obsessão

Há os que têm cuidado em demasia. É a sua exacerbação. A pessoa torna-se obsessiva por se preocupar demasiadamente em cuidar de tudo e de todos. “O excesso de verdade”, já dizia Pascal, “é pior do que o erro.” Assim, também não se pode ser apenas cuidado. Ele é a essência do humano, mas o humano não é só a sua essência. Existe a sua história ziguezagueante, as ressonâncias do cuidado, as limitações que cabe acolher e relevar. É na linguagem que o obsessivo continuamente se mostra. A todo momento diz: “cuidado... cuidado... cuidado...!” Tanto cuidado acaba por tirar a espontaneidade das pessoas, que se sentem continuamente embaraçadas e roubadas na sua energia de fazer a experiência do cuidado essencial, entre acertos e erros.

O excesso de cuidado para consigo mesmo origina o narcisismo, a vaidade e a afectação. Há pessoas que passam horas diante do espelho. Cuidam do seu acne com tanto empenho como se estivessem a cuidar do curso das estrelas. Outras são tão cuidadosas em tudo o que fazem que estão sempre atrasadas; ignoram os horários e irritam os demais, que se sentem defraudados no seu tempo.

O excesso de cuidado causa o perfeccionismo imobilizador. Há os que colocam em tudo tanto cuidado que nunca chegam a concluir o que iniciaram. Perdem oportunidades únicas, negócios vantajosos e oportunidades de crescimento. Não sem razão, sentem-se sempre insatisfeitos, acrescentando coisas sobre coisas e agregando pormenores sobre pormenores. No limite, ficam imobilizados.

O cuidado na sua carência: o descuido

Há os que têm cuidado de menos. São os descuidados e displicentes. Normalmente, não conseguem ser inteiros no que fazem. Seja porque perderam o seu centro, assumindo coisas demais, seja porque não colocaram todo o empenho no que fazem. As coisas aparecem mal feitas, largadas, desordenadas, confusas, caóticas; numa palavra, descuidadas. A pessoa fica impaciente e perde a calma e a serenidade.

Reflectíamos que o cuidado surge quando se encontra a justa medida. Este é o caminho do meio entre o modo-de-ser do trabalho como exploração e o modo-de-ser do cuidado como plasmação. Por isso, o

cuidado não convive nem com o excesso nem com a carência. Ele é o ponto ideal de equilíbrio entre um e outro. Tarefa humana é construir esse equilíbrio com autocontrole e moderação, mas sobretudo com a ajuda do Espírito de Vida que nunca falta, porque Ele é, segundo um hino medieval cantado até hoje na liturgia de Pentecostes, “a quietude no trabalho, a frescura no calor e o consolo nas lágrimas”: o equilíbrio dinâmico.

Figuras exemplares de cuidado

O modo-de-ser cuidado só convence verdadeiramente quando se transforma em saga na biografia de pessoas e modela situações existenciais.

O cuidado das nossas mães e avós

Existem figuras que concentram e irradiam cuidado de maneira privilegiada: as nossas mães e as mães das nossas mães, as nossas avós. Não precisamos de pormenorizar essa experiência. Ela é fundamental em cada pessoa, pois o primeiro continente que a criança conhece é a sua própria mãe. Ser mãe é mais do que uma função; é um modo-de-ser que engloba todas as dimensões da mulher-mãe, o seu corpo, a sua psique e o seu espírito. Com o seu cuidado e carinho, a mãe continua a gerar os filhos e as filhas durante toda a vida. Mesmo que tenham morrido, sempre permanecerão no seu coração materno. Nos momentos de perigo, são invocadas como referência de confiança e de salvação. É através das mães que cada um aprende a ser mãe de si mesmo, na medida em que aprende a aceitar-se, a perdoar as próprias fraquezas e a alimentar o sonho de um grande útero acolhedor de todos. Representam também o modo de ser mãe as educadoras e os educadores que se devotam ao crescimento humano, mental e espiritual dos educandos, as enfermeiras que cuidam dos seus doentes e tantas outras pessoas que anonimamente se desvelam no cuidado de alguém.

Jesus, um ser de cuidado

Jesus de Nazaré, ao lado de Buda, é uma das figuras religiosas que mais encarnam o modo-de-ser-cuidado. Revelou à humanidade o Deus-cuidado, experimentando Deus como Pai e Mãe divinos que cuidam de cada cabelo da nossa cabeça, da comida dos pássaros, do sol e da chuva para todos (cf. Mt 5,45; Lc 21,18). Jesus mostrou cuidado especial com os pobres, os famintos, os discriminados e os doentes. Enchia-se de compaixão e curava a muitos. Facto inusitado para a época, associou a si várias mulheres como discípulas (Lc 8,2-3). Cultivou um amor terno para com as amigas Marta e Maria (Jo 11,20-28; Lc 10,38-42). Não se furtou aos sinais do amor erótico manifestados por uma pecadora pública que lhe beijava e ungia os pés com perfume (Lc 7,37-39).

Fez da misericórdia a chave da sua ética. É pela misericórdia que os seres humanos chegam ao Reino da Vida; sem a misericórdia, não há salvação para ninguém (Mt 25,36-41). As parábolas do bom samaritano que mostra compaixão pelo caído na estrada (Lc 10,30-37) e a do filho pródigo acolhido e perdoado pelo pai (Lc 15,11-32) são expressões exemplares de cuidado e de plena humanidade.

Morrendo na cruz, cuida dos ladrões crucificados ao seu lado e cuida de sua mãe, entregando-a aos cuidados do discípulo predilecto João (Jo 19,26-27). Jesus foi um ser de cuidado. O evangelista Marcos diz com extrema finura: “Ele fez bem todas as coisas; fez surdos ouvir e mudos falar.” (Mc 7,37). Teve cuidado com a vida integral.

Francisco de Assis: a fraternidade do irmão universal

Na tradição ocidental, Francisco de Assis (1182-1226) é visto como uma figura exemplar de grande irradiação. Tudo na sua vida vem urdido de extremo cuidado com a natureza, os animais, as aves e plantas, os pobres e especialmente com a sua amiga e cúmplice, Clara de Assis. Com fina percepção, sentia o laço de fraternidade e de irmandade que nos une a todos os seres. Ternamente, chama a todos irmãos e irmãs: o Sol, a Lua, as formigas e o lobo de Gubbio. As coisas têm coração. Ele sentia o seu pulsar e nutria veneração e respeito por cada ser, por menor que fosse. Nas hortas, também as ervas daninhas tinham o seu lugar, pois, à sua maneira, elas louvam o Criador.

Os biógrafos do tempo, como os co-irmãos Tomás de Celano e São Boaventura, testemunham o impacto de tanta suavidade. Afirmam que Francisco “resgatou a inocência original”, que “é o homem novo, dado ao mundo pelo céu” e que, finalmente, representa “o evangelista dos novos tempos”. Efectivamente, face às demandas da nossa cultura ecológica mundial, reconhecemos a sua grande actualidade. Somos velhos, ainda aferrados ao modo-de-ser do trabalho-dominância-agressão da natureza. São Francisco, no entanto, é verdadeiramente alternativo pelo seu radical modo de ser-cuidado com respeito, veneração e fraternidade para com todas as coisas.

Num pergaminho do convento do Monte Alverne, onde recebeu no seu corpo os sagrados estigmas, conservou-se o seu último adeus às criaturas. Estava extremamente doente e prestes a morrer. Despede-se de Frei Masseo, do irmão rochedo e do irmão falcão. Por fim diz: “Io mi parto da voi con la persona, ma vi lascio il mio cuore”, quer dizer, “eu me aparto de vós como pessoa, mas deixo-vos o meu coração.” Com efeito, o coração de Francisco significa um estilo de vida, a expressão genial do cuidado, uma prática de confraternização e um renovado encantamento pelo mundo. Recriar esse coração nas pessoas e resgatar a

cor⁶-dialidade nas relações poderá suscitar no mundo actual o mesmo fascínio pela sinfonia do universo e o mesmo cuidado com a irmã e mãe Terra, como foi paradigmaticamente vivido por S. Francisco.

Madre Teresa de Calcutá: o princípio misericórdia

Com certeza um dos arquétipos vivos do cuidado essencial é a religiosa católica Madre Teresa de Calcutá (1910-1997). Nascida na Albânia, trabalhou a partir de 1928 na Índia como missionária e professora num semi-internato. Tudo corria no ritmo normal de uma escola, quando, em 1946, viajando de comboio, disse ter escutado uma voz clara que lhe ordenava deixar o convento para ajudar os pobres, vivendo no meio deles. Entendeu-a como chamamento divino. Efectivamente, aos 38 anos de idade, saiu do mosteiro, trocou o seu pesado hábito negro por um prático e barato sari de algodão. Foi morar na periferia miserável de Calcutá, num casebre, vivendo à base de arroz e sal como os pobres, servindo os pobres. À medida que foram chegando seguidoras, fundou a Ordem das Missionárias da Caridade. Além dos três votos de pobreza, obediência e castidade, ela impôs-se um quarto: “Dedicar-se de todo coração e livremente ao serviço dos mais pobres dos pobres.”

Em Calcutá há milhares e milhares de miseráveis que nascem, vivem e morrem na rua. Madre Teresa cuidou logo de fundar a Casa dos Moribundos. Recolhia-os das ruas e levava-os para que pudessem morrer com dignidade. Começava assim uma obra de compaixão e misericórdia que se estendeu por muitas cidades da Índia, do Paquistão e de outros países, sempre com o fito de conferir dignidade e humanidade aos que iam morrendo.

A Ordem das Missionárias da Caridade cultivava um carisma, ligado directamente à ternura vital, o carisma de tocar as pessoas na sua pele, nos seus corpos e nas suas chagas. “Toca-os, lava-os, alimenta-os”, insistia Madre Teresa com as suas irmãs e os muitos voluntários que de todo o mundo acorriam para ajudar em suas obras. Outras vezes dizia: “Dá Cristo ao mundo, não o mantenha para ti mesma e, ao fazê-lo, usa as tuas mãos.” A sua biógrafa, Anne Sebba, comenta: “A capacidade de tocar, com as suas implicações mais amplas, é especialmente importante na Índia, onde o conceito de “intocabilidade” é tão real; este é o verdadeiro espírito missionário em acção; é mais importante tocar que curar.” A mão que toca, cura porque leva carícia, devolve confiança, oferece acolhimento e manifesta cuidado. A mão faz nascer a essência humana naqueles que são tocados.

Em 1979 ganhou o Prémio Nobel da Paz. Deu-lhe o verdadeiro sentido: “Aceito o prémio em nome dos pobres... O prémio é um reconhecimento do mundo dos pobres.”

Mahatma Gandhi: a política como cuidado com o povo

⁶ Cor – coração em latim.

Uma figura que impressionou todo o século XX é seguramente Gandhi (1869-1948). Nascido na Índia, formou-se em Direito em Londres e trabalhou por mais de 20 anos na África do Sul (1893-1915) defendendo os imigrantes indianos, vítimas da segregação racial. Em África, entrou em contacto com os ideais anunciados pelo grande escritor russo, Leon Tolstói (1883-1945), autor dos famosos romances *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*. Este via a essência da mensagem de Jesus no Sermão da Montanha, no amor, na recusa de toda a violência, na veneração aos pobres e no compromisso com uma vida simples. Tais ideias impressionaram profundamente Gandhi e ajudaram-no a formular a sua própria visão da não-violência e da actuação política como cuidado com o povo. Chegou a fundar uma comunidade rural “Tolstói”, onde tentou viver esses ideais com outros amigos.

De volta à Índia, entregou-se à tarefa de organizar o povo contra a dominação inglesa. Começou por pregar o boicote aos produtos ingleses, especialmente aos tecidos. Incentivou o retomar da tradição familiar de tecer as roupas em casa. Convocou à desobediência civil. Foi preso inúmeras vezes. Famosa ficou a Marcha para o Mar em 1930. Por um decreto dos colonizadores, os indianos não poderiam comprar sal, a não ser aquele monopolizado pelos ingleses. Gandhi mobilizou milhares e milhares de pessoas que caminharam em direcção ao mar, para dele extrair o sal de que precisavam. Foi preso, mas conseguiu a libertação completa do sal.

Gandhi definia a política como “um gesto amoroso para com o povo”. Por outras palavras, política como cuidado com o bem-estar de todos e ternura essencial para com os pobres. Ele mesmo confessa: “Entrei na política por amor à vida dos fracos; morei com os pobres, recebi os párias como hóspedes, lutei para que tivessem direitos políticos iguais aos nossos, desafiei os reis, esqueci-me das vezes em que estive preso.”

Dois princípios básicos norteavam a sua prática: a força da verdade (*satiagra*) e a não--violência activa (*ahimsa*). Acreditava profundamente que a verdade possui em si uma força invencível contra a qual são inócuas as manipulações, as violências, as armas e as prisões. Tinha profunda convicção de que, por detrás dos conflitos, existe uma verdade latente a ser identificada. A função do político é crer nesta verdade, trazê-la à tona para todos e agir em coerência com ela, mostrando-se disposto a suportar os sacrifícios que tal postura comporta. Acreditava firmemente que a verdade, embora tardia, sempre venceria.

A crença na força da verdade levou-o à não-violência activa (*ahimsa*), que não significa cruzar os braços, mas usar todos os meios pacíficos para alcançar os objectivos almejados. Importa que os meios e os fins tenham a mesma natureza. Fins bons requerem meios bons. Pratica-se a não-violência activa, por exemplo, ocupando ruas, organizando manifestações multitudinárias, fazendo jejuns e preces, e oferecendo o próprio corpo para deter a violência.

Gandhi elaborou um pequeno credo em forma de oração, recitado todos os dias: “Não terei medo de ninguém sobre a terra. Temerei apenas a Deus. Não terei má vontade para com ninguém. Não aceitarei injustiças de ninguém. Vencerei a mentira pela verdade. E, na minha resistência à mentira, aceitarei qualquer tipo de sofrimento.”

Gandhi era profundamente religioso. Conhecia o cristianismo a fundo e tinha grande veneração por Jesus. Mas continuou na sua religião indiana, pois acreditava que todas as religiões, no seu coração, captam e expressam a mesma verdade divina. Tinha profunda convicção de que a prece e o jejum podiam modificar situações políticas. Por isso, sempre que havia algum impasse político maior, punha-se em prece e jejum por semanas. Convocava as multidões a praticar o mesmo. Fazia tremer o Império Britânico e demovia as forças contrárias.

Possuía um profundo cuidado para com todos os seres. Como um mandamento pregava: “Amarás a mais insignificante das criaturas como a ti mesmo. Quem não fizer isto jamais verá a Deus face a face.”

Conclusão

O cuidado e o futuro dos espoliados e da Terra

A categoria cuidado mostrou-se a chave decifradora da essência humana. O ser humano possui transcendência e por isso viola todos os tabus, ultrapassa todas as barreiras e contenta-se apenas com o infinito. Ele possui algo de Júpiter dentro de si; não sem razão, pois dele recebeu o espírito.

O ser humano possui imanência e por isso se encontra situado num planeta, enraizado num local e plasmado dentro das possibilidades do espaço-tempo. Ele tem algo da Tellus/Terra dentro de si; é feito de húmus, donde deriva a palavra “homem”.

O ser humano encontra-se sob a regência do tempo. Este não significa um puro correr, vazio de conteúdos. O tempo é histórico, feito pela saga do universo, pela prática humana, especialmente pela luta dos oprimidos, em busca da sua vida e libertação. Constrói-se passo a passo; por isso, é sempre concreto, concretíssimo. Mas, simultaneamente, o tempo implica um horizonte utópico, promessa de uma plenitude futura para o ser humano, para os excluídos e para o cosmos. Somente buscando o impossível se consegue realizar o possível. Em razão dessa dinâmica, o ser humano possui algo de Saturno, senhor do tempo e da utopia.

Mas não basta suster tais determinações. Elas, na verdade, dilaceram o ser humano. Colocam-no distendido e crucificado entre o céu e a terra, entre o presente e o futuro, entre a injustiça e a luta pela liberdade.

Que alquimia forjará o elo entre Júpiter, Tellus/Terra e Saturno? Que energia articulará a transcendência e a imanência, a história e a utopia, a luta pela justiça e a paz, para que construam o humano plenamente?

A fábula-mito de Higino transmite-nos a sabedoria ancestral: é o cuidado que enlaça todas as coisas; é o cuidado que traz o céu para dentro da terra e coloca a terra dentro do céu; é o cuidado que fornece o elo de passagem da transcendência para a imanência, da imanência para a transcendência e da história para a utopia. É o cuidado que confere força para buscar a paz no meio dos conflitos de toda a ordem. Sem o cuidado que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se inaugurará um novo paradigma de convivência.

O cuidado é anterior ao espírito (Júpiter) e ao corpo (Tellus). O espírito humaniza-se e o corpo vivifica-se quando são moldados pelo cuidado. Caso contrário, o espírito perde-se nas abstrações e o corpo confunde-se com a matéria informe. O cuidado faz com que o espírito dê forma a um corpo concreto, dentro do tempo, aberto à história e dimensionado para a utopia (Saturno). É o cuidado que permite a revolução da ternura, ao tornar prioritário o social sobre o individual e ao orientar o desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos e de outros organismos vivos. O cuidado faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, conectado com tudo e com todos no universo.

O cuidado imprimiu a sua marca registada em cada porção, em cada dimensão e em cada dobra escondida do ser humano. Sem o cuidado o humano far-se-ia inumano.

Tudo o que vive precisa de ser alimentado. Assim, o cuidado, a essência da vida humana, precisa também de ser continuamente alimentado. As ressonâncias do cuidado são a sua manifestação concreta nos vários aspectos da existência e, ao mesmo tempo, o seu alimento indispensável. O cuidado vive do amor primordial, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem cuidado, o ser humano, como um *tamagochi*, definha e morre.

Hoje, na crise do projecto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda a parte. As suas ressonâncias negativas evidenciam-se pela má qualidade da vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência.

Não busquemos o caminho da cura fora do ser humano. O *ethos* está no próprio ser humano, entendido na sua plenitude que inclui o infinito. Ele precisa de se voltar para si mesmo e de redescobrir a sua essência, que se encontra no cuidado. Que o cuidado aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que prevaleça em todas as relações! O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e matéria de todos nós.